

### Meu sistema de trabalho (não!)

Avinash Dixit<sup>§</sup>

Diante dos primeiros sinais da senilidade, é difícil livrar-se da solicitação para escrever um artigo sobre métodos de trabalho. De acordo com o julgamento implícito da profissão, qualquer pessoa usa melhor o seu tempo transmitindo sugestões úteis aos pesquisadores mais jovens do que fazendo, ela própria, um novo trabalho. Mas, de todas as lições que aprendi durante um quarto de século de pesquisa a mais valiosa é a de trabalhar sempre como se ainda tivesse vinte e três anos. Desta perspectiva juvenil, acho difícil transmitir algum conselho. Por que concordo em escrever este artigo aparecerá mais tarde. Espero que ele seja recebido pelos leitores pelo que é - observações dispersas e impertinentes de alguém que pretende ter uma mente perpetuamente juvenil e não a sabedoria destilada de uma pessoa de meia-idade.

Escrever este artigo coloca um problema básico em qualquer idade. Não há regras adequadas para se fazer uma boa pesquisa e nenhum caminho que leve claramente a um fracasso. Peça a quaisquer seis economistas e você receberá seis dúzias de receitas para o sucesso. Cada uma das seis contradirão categoricamente uma ou mais das outras. E, para alguns leitores, algumas vezes, todas elas devem estar corretas. Assim, deve-se considerar todas estas sugestões com ceticismo. Tente aquela que lhe pareça mais atraente, mas não receie desconsiderar todas as demais.

Há também que se considerar o público-alvo. O que funciona para pesquisa econômica não é o mais adequado para pesquisa em políticas econômicas ou de consultoria, e a estratégia correta para avançar a fronteira da pesquisa não é a mesma para o trabalho final de consolidação ou síntese. Assumirei que os leitores destes artigos são economistas acadêmicos reais ou potenciais com elevada ambição; que tencionam sobressair-se na área de pesquisa que escolherem e estão procurando bons hábitos para acelerar suas jornadas. Em resumo, estou assumindo que os leitores buscam sucesso no topo da comunidade acadêmica.

---

\* Este artigo está sendo publicado com a autorização do próprio autor e da revista *The American Economist*. Originalment, este texto, *My System of Work (Not!)*, foi publicado em Michael Szemberg ed., *Passion and Craft, Economists at Work* (Ann Arbor: Michigan University Press, 1997).

Tradução do Inglês: Sylvia M. S. Cristovão dos Santos.

§ Professor de Economia, Universidade de Princeton.

Estas dificuldades gerais advêm das minhas próprias limitações. Primeiro, sou um teórico, embora de um tipo relativamente aplicado. Isto é, construo modelos matemáticos dirigidos a assuntos e áreas específicas de interesse econômico, em vez de sistemas abstratos de significado geral e amplo. E tento obter resultados específicos dos modelos (Que causa tem que efeito?), em vez de provar teoremas (Existe equilíbrio, e ele é único?). O que funciona, para mim, é influenciado pelo que estou tentando realizar; as mesmas abordagens e técnicas não devem satisfazer aos teóricos mais abstratos ou aos economistas empíricos.

Minha segunda limitação é realmente mais severa. Uso sempre abordagens e técnicas adequadas para enfrentar o problema imediato que desperta meu interesse. Nunca me preocupo em fazer uma reflexão sobre como deveria adaptá-lo a uma visão total de mundo ou a uma metodologia. Para mim, é muito difícil avaliar esta abordagem não sistemática e não filosófica e, mais difícil ainda, dar qualquer conselho a seu respeito. Mas, vou tentar.

### **Minha própria experiência de pesquisa**

Os leitores destes artigos certamente não estão tão interessados nas vidas insípidas e melancólicas dos economistas; estão em busca de métodos de pesquisa que possam seguir. Mas o conselho de qualquer pessoa é permeado pelas suas experiências e devo aos leitores uma breve declaração sobre as razões dos meus desvios.

Muitos de nós passam horas discutindo em qual restaurante jantar e tomam decisões sobre qual carreira seguir e com quem se casar, instintivamente, em um instante. Assim foi com meu ingresso na Economia. Obtive meu primeiro grau em Matemática e iniciava um Mestrado em Pesquisa de Operações quando fui convertido à Economia por uma conversa casual com Frank Fisher. Cabe a ele todo o crédito ou responsabilidade.

Minha carreira de pesquisador teve início em 1968, em uma época de muito alvoroço no mundo acadêmico da Europa e dos Estados Unidos. A atmosfera predominante era decididamente da ala esquerda e anti-organizacional e era quase exigido que a pesquisa fosse “relevante”. Muitos teóricos foram afetados por esta atmosfera e eu não fui exceção. Tópicos importantes incluíam problemas dos países menos desenvolvidos, problemas urbanos e problemas ambientais.<sup>1</sup> Interessei-me por todos eles em um curto período de tempo.

---

1 E, por razões que me escapam, argumentos totalmente abstratos em teoria do capital que adquiriram significância ideológica inexplicável. Mas, esta moda morreu, como honrosamente merecia.

Voltando àqueles anos, muitas das pesquisas “relevantes” em Economia deixaram poucas marcas duradouras a respeito do tema. Problemas de países menos desenvolvidos e áreas urbanas mostraram ser tão decididamente políticos que um bom conselho econômico não teria o menor valor, mesmo se fôssemos capazes de transmiti-lo. Não, os tópicos que mostraram ter valor duradouro em Economia eram completamente diferentes, por exemplo, a teoria das expectativas racionais, o papel da informação e dos incentivos e, mais tarde neste período, a teoria dos jogos. No começo dos anos 70, muitos destes trabalhos pareciam abstratos e irrelevantes e deveriam ter sido chamados “politicamente incorretos”, tivesse esta frase existido naqueles dias.

Meu trabalho “relevante” teve o mesmo destino e foi, com justiça, esquecido.<sup>2</sup> O que veio a ser considerado um sucesso - por exemplo, a teoria da diversidade do produto em competição monopolística, a teoria de barreiras à entrada em oligopólio, a reformulação da teoria do comércio internacional e algum trabalho recente sobre investimento irreversível - não foi motivado por qualquer sentido de relevância ou qualquer desejo elevado de fazer o bem. É quase embaraçoso lembrar a maneira como vim a trabalhar em alguns destes tópicos.

O livro sobre comércio internacional surgiu de uma conversa, na hora do almoço, com Victor Norman. Ele conhecia razoavelmente o assunto. Eu, quase nada. Mas sabíamos muito sobre a teoria da dualidade e concordamos que poderia ser útil simplificar a teoria do comércio internacional. Decidimos aprender fazendo, e levamos tanto tempo que tínhamos que escrever um livro. Em mais da metade do tempo descobrimos que alguém já tinha estado lá antes. Mas, foi muito prazeroso fazê-lo nós mesmos.

O modelo de barreiras à entrada em oligopólio veio de uma sensação desagradável de que as teorias aceitas - Bain-Sylos e mesmo Spence - não estavam funcionando corretamente. Naquele tempo, a perfectibilidade do subjogo tinha acabado de surgir na literatura da teoria dos jogos, porém eu estava numa área rural da Inglaterra, afastado dos centros da teoria dos jogos, como Stanford, e nunca tinha ouvido falar do conceito. Então, era necessário trabalhá-lo desde o começo, o que me levou um tempo surpreendentemente longo. A idéia correta surgiu quando, por engano, fui ao aeroporto cedo demais e tive que esperar um par de horas. A partir daí, tudo se resolveu rapidamente. Desde então, vou deliberadamente aos aeroportos, com frequência mais cedo, mas, infelizmente, sem sucesso.

---

2 Escrevi um artigo em economia urbana - um modelo do tamanho ótimo de uma cidade em situações opostas com economias de escala em produção e deseconomias de congestionamento em transporte -, que atingiu algum sucesso. Eu gosto de pensar que até mesmo agora, quando economistas teóricos urbanos encontram-se para uma cerveja em uma conferência, alguém deve comentar: “Fico imaginando o que teria acontecido àquele garoto Dixit. Ele escreveu um artigo que não estava mau, e nunca mais se ouviu falar dele. Imagino que algumas pessoas não têm fôlego.”

Alguns especialistas nas áreas receberam favoravelmente a maior parte deste trabalho; outros reagiram confusa e negativamente. “Diversidade ótima do produto? Certamente o mercado encontra o ótimo. Competição monopolística? Este é um beco sem saída.” “Dualidade? O que está errado com a maneira como sempre fizemos as coisas?” Durante anos, Ron Jones referiu-se indignadamente ao grupo que trabalhava com oligopólio no comércio internacional como “competidores imperfeitos” Atualmente, espero “um intervalo longo e variável” entre o tempo que levo trabalhando sobre um determinado assunto e o tempo suficiente para que os outros descubram interesse ou utilidade para o meu trabalho. Mas aprendi a importância de tentar encurtar este intervalo expressando minhas idéias de forma simples e clara.

Neste sentido, faço parte de um grupo extremamente distinto, mas como um membro menor. Por exemplo, William Sharpe lutou para conseguir publicar o seu agora famoso artigo CAPM e lembra a reação, mesmo depois de seu aparecimento impresso: *“Eu sabia... o telefone começaria a tocar a qualquer momento. Depois de um ano, silêncio total. Ninguém deu muita atenção. Esperei durante um bom tempo.”*<sup>3</sup>

Como pode ser visto, minha abordagem para pesquisa é muito oportunista para ter uma orientação constante. Mas, munido dessa abordagem e com o propósito de escrever este artigo posso ver um tema recorrente senão dominante. Economias de escala e custos fixos continuam aparecendo em meus artigos com grande regularidade. Competição imperfeita é a norma, e equilíbrios de mercado não são socialmente ótimos (mas intervenções governamentais têm mais efeitos sutis do que a ingênua intuição sugeriria, e poderia realmente tornar as coisas piores). E aqui situa-se uma ironia. Os críticos da ala esquerda dos últimos anos 60 e 70, que influenciaram muitos jovens quando iniciei meu trabalho, reservaram suas críticas mais fortes para o equilíbrio perfeitamente competitivo do sistema neoclássico. Naturalmente, eles pouco fizeram com o propósito de oferecer uma alternativa viável. Foi o trabalho adicional não excitante, para o qual contribuí um pouco, que provocou uma grande mudança no entendimento de como o sistema econômico opera quando as hipóteses da economia neoclássica fracassam.

Isto é mais que uma autobiografia e demasiadamente autojustificada. Daqui para frente, devo elaborar e parafrasear minha experiência por meio de declarações sobre o que considerarei como bons hábitos de trabalho. É conveniente expressá-los como itens de conselho, mas devo

---

<sup>3</sup> Citado em Peter Bernstein, *Capital ideas*, The Free Press, 1992, p. 199.

repetir minha primeira advertência aos leitores: seja cético, escolha o que você pensa que lhe convém e descarte o resto.

## Sobre a escolha de tópicos

- ◆ Meu conselho mais importante aqui é desolador e politicamente incorreto: não dê tanto peso à importância social do assunto; em vez disso, faça o que prende seu interesse intelectual e sua imaginação criativa. Isto não significa negar a importância de se atentar para o mundo real. Nem quer dizer que a teoria abstrata é necessariamente mais valiosa que o trabalho aplicado. Nada poderia estar mais longe da verdade. Mas acredito que a mera relevância de um assunto não garantirá uma boa pesquisa, a menos que você tenha um entusiasmo legítimo para trabalhar sobre ele. Do contrário, deixe-o para outro. Um bom trabalho sobre um problema aparentemente sem importância terá mais valor a longo prazo do que um trabalho medíocre sobre outro problema de maior importância intrínseca. E o julgamento que se faz da importância do assunto sempre pode estar errado; conceitos de relevância podem mudar ao longo do tempo.

Naturalmente, se você possui uma paixão legítima por um assunto de real importância social considere-se duplamente abençoado.

Um tópico particular de pesquisa desperta seu verdadeiro entusiasmo se o trabalho para desenvolvê-lo lhe é prazeroso. Richard Feynman, em uma coleção maravilhosa de anedotas sobre sua vida (“não uma autobiografia” ele insistiu) dá um exemplo clássico disto.<sup>4</sup> Em uma lanchonete, alguns estudantes lançavam um prato de jantar como um *frisbee*. O prato oscilava e o medalhão Cornell vermelho sobre ele parecia girar mais rápido que a oscilação. Feynman tentou calcular a relação entre as duas velocidades e encontrou uma razão notavelmente simples de dois para um. Ele mostrou seu trabalho a um colega *senior*.

Este comentou: “*Feynman, isto é bem interessante. Mas, qual a importância disto? Por que você está fazendo isto?*”

---

4 Richard Feynman, *Surely you're joking, Mr. Feynman!* New York: Norton, 1985, p. 157-8.

*“Não há nenhuma importância. Eu só estou fazendo por diversão.”...E antes que percebesse, eu estava ... “brincando” - Na verdade, trabalhando. ... Sem nenhum esforço. Não havia nenhuma importância no que eu estava fazendo, Mas, lá no fundo havia. Os diagramas e todo aquele negócio pelo qual eu ganhei o Prêmio Nobel originaram-se daquela brincadeira sem propósito com o prato oscilante.”*

Feynman usa uma palavra muito reveladora: “brincando” Se seu trabalho é tão agradável quanto brincar, isto é um bom sinal de que o tópico lhe convém.

Examinando o que já disse, observo que estou preconizando alguma coisa muito radical: não somente um não-sistema, mas também um não-sistema para não-trabalho. Mas, o que esperar de alguém com vinte e três anos?

- ◆ Todo estudante inteligente, quando conclui seus exames gerais, tenta revolucionar o assunto. Mas, revoluções não são mais bem feitas só por tentar fazê-las. Na terminologia de Thomas Kuhn, revoluções científicas são a consequência de tentativas para resolver anomalias que são observadas no curso da ciência normal. E a melhor maneira para observar anomalias é fazer uma pesquisa normal.
- ◆ Descubra sua melhor “distância” Algumas pessoas são boas corredoras de curta distância em pesquisa. Elas podem, muito rapidamente, reconhecer e formar uma opinião precisa em muitas áreas e assuntos diferentes. Hal Varian e Barry Nalebuff são dois dos melhores corredores que conheço. Na mesma metáfora, outros são corredores de meia distância. De fato, muitos economistas estão no mesmo lugar nesta ampla categoria. Alguns, por exemplo Robert Lucas e James Mirrlees, são maratonistas; eles correm somente um pequeno número de corridas, mas estas são épicas e conseguem o maior respeito e admiração, plenamente merecidos. Em contraste, a profissão parece subvalorizar os corredores de curta distância. Mas, cada tipo de trabalho tem seu próprio valor e os diferentes tipos são complementares no esquema global das coisas. O progresso do assunto como um todo é uma corrida de revezamento, onde diferentes trechos são de diferentes comprimentos e percorridos com vantagem por diferentes pessoas. Descubra onde se situa sua vantagem comparativa.
- ◆ Muitas idéias e técnicas para teorizar virão por acidente. Mas não espere que estes acidentes aconteçam; estimule-os. Seja sempre um observador de exemplos, questões etc., que estejam relacionados ao que você está fazendo, ou sobre alguma coisa que você já trabalhou, mas reservou. Um artigo de jornal, um programa de assuntos correntes ou uma

possibilidade observada por um colega pode levá-lo a começar. Um artigo teórico totalmente desconectado pode usar uma técnica que se mostre útil para o seu problema e levá-lo a recomeçar alguma coisa que estava emperrada. Analogias aparentemente improváveis revelam ter alguma base profunda. Portanto, seu trabalho deve ser mantido em sua memória semi-ativa todo o tempo - tanto o trabalho que progride quanto o que não faz progresso.

- ◆ Aprenda a administrar seu tempo. Quando solicitado a contribuir para um volume coletivo, ou apresentar um artigo em uma conferência, se o tópico indicado não coincide exatamente com seus interesses siga a estratégia de Nancy Reagan: “Diga apenas não” Você descobrirá, invariavelmente, que as demandas por estas tarefas ocupam o tempo que poderia ser usado em idéias de interesse intelectual muito maior para você. (De fato, aceitei a tarefa de escrever este artigo só para tornar esta informação conhecida.) Não abandone o que mais gosta de fazer; se você foi bem-sucedido, alguns anos mais tarde acontecerão conferências sobre seu tópico. (Naturalmente, nesta ocasião, seu interesse estará voltado para outros assuntos.) Nesse ínterim, será muito mais prazeroso trabalhar em alguma coisa que realmente goste. E até mesmo as recompensas materiais de um artigo de pesquisa de fronteira bem-sucedido superam facilmente a honraria de dez artigos de conferência de interesse atual.

Há pessoas que podem transformar um assunto de conferência em pesquisa real. Ou, para ser preciso, há uma certa pessoa: Paul Krugman. Não possuindo esta habilidade tão rara, organize diretamente suas prioridades.

## Sobre os hábitos de trabalho

- ◆ A administração de seu tempo é, novamente, de crucial importância. Isto é especialmente verdadeiro quando, em dada ocasião, você é forçado (ou só irresistivelmente tentado) a violar a Estratégia de Nancy Reagan e aceitar uma tarefa do tipo conferência. Então, recomendo a estratégia Nike: “Apenas faça” Não adie o prazo final. Se assim o fizer, estará desperdiçando muito tempo e gastando muita energia mental pressionado por esta tarefa, e seu prazo final ameaçador. Muito melhor é tirá-lo do caminho tão rapidamente e sem esforço quanto possível e voltar ao que lhe interessa realmente.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Tenho que confessar que não otimizei meu próprio tempo, como aconselho você, e que, muito frequentemente, violei ambas as estratégias de Nancy Reagan e Nike. Isto é meramente o que, à luz da percepção tardia, desejaria que tivesse feito consistentemente.

- ◆ Por outro lado, fazendo uma pesquisa de fronteira de real importância e desafio intelectual não receie gastar muito tempo pensando vagamente, ou mesmo “devaneando”, sobre o assunto. Este tempo não é desperdiçado. Todas as associações que você considera e todos os cálculos que experimenta em umas poucas linhas e abandona mostrar-se-ão um *input* útil para o processo que finalmente leva à resposta.
- ◆ Tendo colocado a questão, e trabalhado nela por um tempo, dê ao subconsciente uma chance. Talvez aqui o melhor conselho venha do matemático J.E. Littlewood, em seu delicioso artigo, “*The mathematician’s art of work*”<sup>6</sup> Ele distingue quatro fases no trabalho criativo: preparação, incubação, iluminação e verificação. “*Na preparação, o problema essencial tem que ser despojado de acidentes e trazido claramente à visão; todo conhecimento relevante, examinado; possíveis analogias, ponderadas. Deve ser mantido em mente durante intervalos de outro trabalho. ... Incubação é o trabalho do subconsciente. ... Iluminação, pode acontecer em uma fração de segundo. ... quase sempre ocorre quando a mente está em um estado de relaxamento e ligeiramente engajada com assuntos ordinários.*” Littlewood recomenda “a relaxante atividade de barbear” como uma oportunidade frutífera para a iluminação; estremeço ao pensar quanto **mais** David Kreps e Paul Krugman teriam realizado se soubessem disto.
- ◆ Em nossa profissão é habitual enfatizar a importância da intuição econômica e ridicularizar o abstrato ou o pensamento formal. Descobri que, afinal de contas, isto é correto, mas não a ponto de se tornar um dogma. Pessoas e problemas variam na maneira de pensar que melhor lhes convém. Por exemplo, parece que John von Neumann tinha um tipo de mente muito abstrata. Uma vez ele aconselhou um co-autor: “*Oh não, não, você não o está vendo. Sua maneira de visualizar não é correta para ver isto. Pense-o abstratamente. O que está acontecendo (sobre uma fotografia de uma explosão) é que o coeficiente do primeiro diferencial desaparece identicamente, e é por isto que o que se torna visível é o traço do coeficiente do segundo diferencial.*”<sup>7</sup> Quantos de nós, ouvindo esta explicação de um colega ou estudante, devem tê-los repreendido no sentido de “ser mais intuitivo?”

---

<sup>6</sup> *Rockefeller University Review*, 1967, reimpresso em Bollobas, Bela (ed.), *Littlewood’s miscellany*. Cambridge University Press, 1968.

<sup>7</sup> Norman Macrae, *John von Neumann*. New York: Pantheon Books, p. 211.



- ◆ Mantenha um “portfólio” de problemas para trabalhar. Se não há progresso em um deles, mude para outro. Seus riscos diversificarão e suas chances de sucesso em cada um aumentarão, porque sua mente ficará mais arejada e você se sentirá menos deprimido em relação à falta de progresso em um problema. Mas, não mude muito rapidamente; se um problema o está desafiando totalmente, é importante dedicar-lhe, no mínimo, um mês de meditação.
- ◆ Pesquisa conjunta está se tornando mais comum em economia, e isto é uma boa coisa. Um bom colaborador de pesquisa é digno de qualquer número de leitores casualmente interessados em seus artigos. A crítica minuciosa e simpática de um colaborador, no estágio inicial do trabalho, ajuda a evitar muitas pistas cegas ou rumos errados, os quais, de outra maneira, você nunca evitaria. Como Francis Crick coloca, “*A vantagem da colaboração intelectual é que ela ajuda você a eliminar suposições falsas.*”<sup>8</sup> Você e seu co-autor ideal terão várias sobreposições que criam para ambos um quadro de referência e linguajar comuns, mas muito diferente para gerar sinergia e complementaridade reais ao invés de mera duplicação.
- ◆ Reserve o período do dia em que você está mais atento para pesquisa, e use aqueles nos quais você está cansado ou pouco diligente para correspondência, encontros, dificuldades administrativas etc. Infelizmente, nem sempre isto é possível. Considere, também, a possibilidade de seu melhor período mudar com as estações, idade etc. Paul Samuelson afirmou que, para muitas pessoas, uma mudança ocorre por volta dos 35 anos de idade: a manhã torna-se o melhor período para pesquisa em vez de tarde da noite. Minha própria experiência confirma isto.
- ◆ Continue revendo seus artigos para aperfeiçoá-los, mas não para sempre. A teoria do capital austríaca, que você aprendeu como um modelo de livro-texto árido, tem sua aplicação prática. Os artigos devem ser aperfeiçoados somente até o ponto onde a taxa de aperfeiçoamento iguala-se à taxa de interesse. A última taxa variará ao longo do seu ciclo de vida, mas empenhar-se para atingir uma perfeição absoluta não é, na maioria das vezes, o caminho adequado para muitas pessoas. De uma perspectiva particular, poderá retardar tanto a propagação quanto o impacto do seu trabalho, além de se correr o risco de alguém antecipá-lo. De uma perspectiva social, a divulgação pública de alguma coisa menos perfeita tem o seu valor, que pode ser a vantagem comparativa de uma outra pessoa contribuir para o próximo passo de aperfeiçoamento do tema.

---

8 Francis Crick, *What mad pursuit: a personal view of scientific discovery*. London: Penguin Books, 1990, p. 70.

- ♦ Leia os artigos de outras pessoas com seriedade ou então não os leia. Quando o fizer seriamente, leia-os como quando era um estudante de pós-graduação, checando todos os detalhes e questionando tudo. Esta é uma boa maneira para obter de você mesmo novas idéias de pesquisa. Devo a Richard Feynman meu entendimento da importância deste princípio. Ele descreve como descobriu a lei da decomposição beta.<sup>9</sup>

*“Àquela época, eu não estava acompanhando os assuntos. Todos pareciam bem inteligentes, e eu não me sentia no mesmo nível. Numa ocasião, houve um encontro em Rochester, ...e Lee distribuiu seu artigo sobre violação da paridade... Eu estava hospedado na casa de minha irmã em Syracuse. Trouxe o artigo para casa e disse a ela, “Não consigo entender estas coisas que Lee e Yang estão dizendo. É tudo muito complicado.” “Não” disse ela, “o que você quer dizer não é que você não pode entendê-lo, mas que você não o criou. Você não o calculou à sua maneira. O que deveria fazer é imaginar-se novamente um estudante, subir com este artigo, ler todas as suas frases e checar as equações. Então você o entenderá muito facilmente.”*

Ela estava certa. Não somente fez com que Feynman entendesse o artigo como lembrasse o que fizera há algum tempo: usou-o para simplificar a solução de Lee e preparar as bases para o desenvolvimento de toda uma nova teoria.

Curiosamente, quando li isto, estava em um estado de espírito um pouco similar com respeito à literatura sobre política de comércio com informação assimétrica, e a receita funcionou também para mim.<sup>10</sup>

## Sobre escrever

- ♦ Minha primeira sugestão é: seja simples. A tentação para mostrar a técnica mágica de alguém é esmagadora, particularmente para o Ph.D. recém-formado. Resista. Isto somente tornará seu artigo menos fácil de ler e reduzirá seu impacto. Se uma idéia pode ser

---

9 Feynman, *op. cit.*, p. 227-8.

10 Mas, tal como as estratégias de Nancy Reagan e Nike anteriormente citadas, devo confessar que não segui meu próprio conselho, lendo seriamente e tão consistentemente quanto deveria.

concebida de uma maneira mais simples, sem detalhar todo epsilon e delta, assim o faça. Littlewood disse que se Jordan escrevesse um artigo somente com quatro símbolos eles deveriam ser chamados  $a, M'_3, \epsilon_2, \Pi''_{1,2}$ , em vez de  $a, b, c, d$ ; não seja como ele.<sup>11</sup> Se necessário, para tornar mais completo o trabalho, coloque a parte mais formal em um apêndice. No entanto, considero inteiramente inaceitável a prática corrente e crescente de muitos artigos em teoria econômica que meramente declaram os resultados no texto, sem qualquer explicação, relegando as demonstrações formais para um apêndice.

Afirmo, primeiramente, que a intuição econômica pura deve ou não ser a maneira correta para **pensar** em pesquisa. Sua importância aumenta quando alguém **escreve** os resultados da pesquisa e, até mesmo, quando alguém **fala** sobre eles, particularmente se a audiência que se almeja é maior do que somente a de especialistas de uma área muito limitada. (As conferências promovidas por muitos Ph.Ds recém-formados não compreendem a importância de uma exposição simples e intuitiva e isto lhes é imensamente caro.)

- ◆ Minha segunda sugestão é: seja breve. Nisto, concordo com Piet Hein, o cientista dinamarquês, transformado em poeta, que escreveu poesias aforísticas chamadas *Grooks*. Ele preferia escritores:

*“who find their writing such a chore  
they only write what matters.”*

Mas isto parece uma causa perdida. Ao longo das duas últimas décadas a duração média dos artigos econômicos tem aumentado muito. Avanços na tecnologia de processar textos têm reduzido enormemente o custo de produzir palavras, mas não o custo de produzir idéias com o resultado que os economistas deveriam esperar: substituição maciça.

Meu ideal é caprichosamente capturado em uma questão que Frank Hahn colocou para um autor. Como um dos editores da *Review of Economic Studies*, Hahn pediu ao autor para reduzir seu artigo de quarenta páginas para seu núcleo essencial de três páginas. Quando o autor escreveu uma carta longa e indignada, Hahn respondeu em duas sentenças: “*Crick e Watson descreveram a estrutura do DNA em três páginas. Explique gentilmente*

---

<sup>11</sup> p. 60 de Bollobas (ed.), *Littlewoods miscellany*. Incidentalmente, nas páginas 49-53 do referido livro, Littlewood dá um belo exemplo de como escrever e como não escrever um argumento matemático; insisto com todo teórico jovem para lê-lo e absorver sua lição.

*porque sua idéia merece mais espaço.*” Um ideal que, infelizmente, nem eu nem Frank Hahn e ninguém mais parece chegar perto.

- ◆ Preste atenção nos pareceristas. Eles podem ser preconceituosos, apressados, mas quase nunca são estúpidos. Se você está fazendo um trabalho inovador, esteja preparado para encontrar parcialidade e considerações descuidadas. Dê a estes comentários a devida atenção - até mesmo porque eles devem conter sugestões úteis para revisão -, mas, se tem confiança no que está fazendo insista. No entanto, se houver total incompreensão tome isto como um sinal de que seu trabalho fracassou. Esclareça, se necessário, inspecione a notação total de seu modelo formal, e apresente novas versões preliminares para colegas e estudantes até que consiga comunicar-se melhor. Deparo-me com muitos economistas que se queixam constantemente de que os “pareceristas não os entendem” Minha resposta interior é a mesma de Tom Lehrer: *“Se uma pessoa não pode comunicar-se, o que ela pode fazer é, no mínimo, calar-se.”*
- ◆ Há considerações conflitantes sobre como é difícil vender seu trabalho. Por um lado, se você não vende seu próprio trabalho, não há chance de que mais alguém consiga vendê-lo. Littlewood tem a palavra mais uma vez:<sup>12</sup> *“Aquele que não pode soar a sua trompeta, esta deve silenciar-se.”* Por outro lado, reivindicações excessivas acerca da importância de seu trabalho o levarão a uma má reputação na profissão, e colocarão em risco a recepção futura de seu trabalho. Prefiro reivindicar um pouco menos pelo meu trabalho do que sinto que mereço.

Se você exagera, faça isso de maneira habilidosa. Joseph Schumpeter reivindicou tornar-se o melhor cavaleiro de Viena, o melhor amante da Europa e o melhor economista do mundo e alcançou duas das três reivindicações. Este é um exagero brilhante - alguém que realmente conhecesse as proezas de Schumpeter em uma das três coisas dar-lhe-ia o benefício da dúvida e assumiria que ele se sobressaiu nas **outras** duas.

## Uma palavra conclusiva

Deixei para o final a lição mais importante que aprendi da minha experiência que, acredito, tem uma validade muito geral. Mantenha aquele sentido juvenil de liberdade para escolher os

---

12 Em Bollobas (ed), *op. cit.*, p. 158.

problemas e as direções de trabalho. Imagine-se com vinte e três anos, ainda não rotulado ou confinado a uma 'área' particular e, muito menos, pressionado a produzir rapidamente alguma coisa para o concurso de efetivação que se aproxima. Tente preservar esta disposição mental em sua pesquisa até mesmo quando seu corpo e parte de seu cérebro que trata de outros assuntos continuem a envelhecer.

Infelizmente, nos Estados Unidos, muitos acadêmicos não conseguem esta liberdade antes de atingir seus trinta e cinco anos, quando então é muito tarde para muitos deles se sentirem como se tivessem vinte e três anos. Seu cérebro de pesquisadores passou do ponto de rejuvenescimento, e está na hora desses acadêmicos deixarem a fronteira da pesquisa e integrarem-se ao circuito de conferências ou à comunidade de *policy-makers*. Minha reação como teórico ecoa o que disse Clemenceau ao escutar que o famoso pianista Paderewski tornara-se o Presidente da recém-fundada República Polonesa: “*Que decadência!*”

